

Mãe de Galdino pede justiça

■ D. Minervina chega a Brasília para pedir júri popular para os assassinos de pataxó

Brasília - Jamil Bittar

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA — A mãe do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo em Brasília há quatro meses, não conseguiu conter as lágrimas, ontem, ao falar de seu filho. “Galdino deixou a aldeia com os próprios pés, para lutar pelo reconhecimento da área dos pataxós. Voltou queimado e morto, para ser enterrado”, desabafou D. Minervina Maria de Jesus. Ela chegou em Brasília pela manhã, com outros 11 parentes do índio, para lutar pela condenação dos quatro rapazes acusados do crime. Os pataxós vão pedir ao presidente Fernando Henrique e à juíza Sandra Mello — que amenizou a denúncia contra os quatro acusados — que eles sejam julgados pelo Tribunal do Júri, por homicídio triplamente qualificado.

Os parentes de Galdino decidiram viajar 23 horas de ônibus, da aldeia, na Bahia, até Brasília, quando souberam que os responsáveis pela morte do índio podem ser liberados, caso a juíza não reveja sua posição. A juíza desclassificou o crime de homicídio doloso para lesão corporal seguida de morte. Nesse caso, a pena é menor — cai do máximo de 30 anos para o máximo de 12 —, e a sentença será dada por um juiz e não por júri popular. “Quero olhar no olho da juíza e pedir que ela segure o coração e não solte os bandidos que mataram Galdino”, disse D. Minervina.

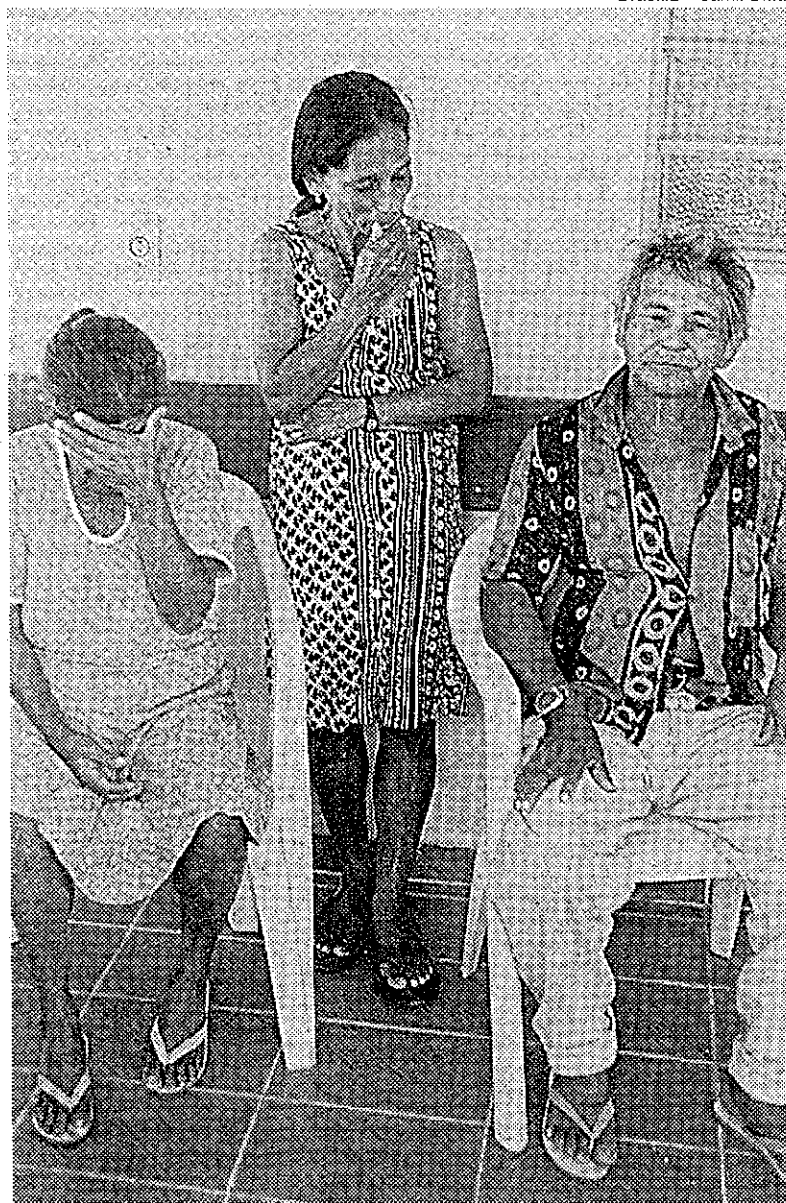
Ao presidente Fernando Henrique, com quem os pataxós deverão

ter audiência hoje ou amanhã, D. Minervina e o pai do índio, Juvenal Rodrigues Santos, querem fazer o mesmo apelo. “Vou pedir ao presidente que ele use de sua força para impedir que eles sejam soltos”, afirmou a mãe de Galdino. O marido, Juvenal, acha que a juíza “está com a cabeça fora do lugar”.

“Podemos ser tolos, mas sabemos o que a Justiça tem que fazer no caso de Galdino”, desabafou Juvenal, que estava em Brasília quando o filho foi incendiado pelos rapazes.

Além de procurar as autoridades, os parentes de Galdino irão ao local onde o índio foi morto, hoje transformado em Praça do Compromisso. “Quero conhecer o lugar onde eles botaram fogo no Galdino. Sem ir lá, não teria sentido viajar”, disse D. Minervina. Casada com Galdino por um ano, a viúva do índio, Zenilda Campos, de 47 anos, contou que está enfrentando dificuldades desde a morte do marido. “Ele tratava minhas filhas como se fossem dele”, conta.

Os índios passaram o dia na chácara do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), a 50 quilômetros do Plano Piloto. À tarde, se reuniram com advogados da entidade, para tomar conhecimento do processo. Um primo de Galdino, Wilson de Jesus, disse que a impunidade já fez 13 vítimas entre os pataxós, nos últimos anos. O próprio irmão de Galdino foi morto a mando de fazendeiros em 1988.



D. Minervina (E) enxuga as lágrimas, ao lado da nora e do marido

20/8/97
Pataxó
7